

Peter Rudolf Seidl

Em 18 de outubro de 2022, a 23 dias de completar seu primeiro centenário, a Associação Brasileira de Química foi atingida por uma dolorosa perda: falecia, aos 80 anos, Peter Rudolf Seidl, o mais antigo ex-presidente ainda vivo.

Formado em química industrial pela Escola de Química da Universidade Federal do Rio de Janeiro (1966), obteve seu doutoramento em físico-química orgânica pela Universidade da Califórnia (1971). De volta ao Brasil, lecionou no Instituto Militar de Engenharia (IME), no Rio de Janeiro, por mais de 20 anos. Teve ainda atuação destacada no CNPq, no Centro de Tecnologia Mineral (CETEM), na FAPERJ e em várias universidades até tornar-se professor titular da Escola de Química da UFRJ em 1994, onde ficou até sua aposentadoria.

Como pesquisador, sua visão empreendedora e integradora sempre fez com que buscasse sempre agregar professores mais novos aos seus projetos. Seu grande marco, desde 2010, era a área de Química Verde, com diversas colaborações internacionais. Ele foi o mentor e fundador da Escola Brasileira de Química Verde, sediada na EQ/UFRJ. Foi membro do corpo editorial da Revista de Química Industrial (RQI) e Editor do Caderno de Química Verde, que vem acompanhando os números da RQI editados nos últimos anos.

Peter acumulou uma vasta trajetória de dedicação ao ensino e à pesquisa, exemplificada por mais de 150 trabalhos publicados, mais de uma dezena de livros e capítulos de livro, orientação de mais de 20 alunos de doutorado e mais de 50 de mestrado, mais de 240 resumos de trabalhos apresentados em congressos e diversos prêmios e honrarias recebidos.

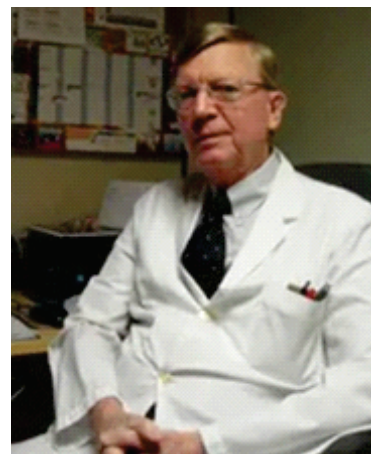
Seidl era uma referência nacional e internacional no que se refere à Química Verde. Dentre as obras publicadas, constam “Chemistry of the Amazon”, assinado por Seidl, Otto Gottlieb e Maria Auxiliadora Kaplan; e estudos no campo da mineração, exploração e refino de petróleo e da utilização de recursos naturais do Brasil

como alternativas ecológicas e viáveis para a indústria.

Sua contribuição para a ABQ foi imensa. Sua presença marcante e decisiva se deu em 1977, quando ocorreu uma cisão entre seus principais membros pelos caminhos que a ABQ deveria tomar. Peter foi fundamental para que a ABQ permanecesse ativa e em sua caminhada. Por decorrência disso assumiu em 1981, pela primeira vez, sua presidência. Coube a ele trazer para os quadros da ABQ professores de ensino médio (naquela época 2º grau) e dar espaço para que alguns tivessem seus mestrados e doutorados. Assim, estreitou os laços com as antigas Escolas Técnicas, depois CEFET's, e hoje, Institutos Federais. Em sua gestão, houve a abertura de regionais da ABQ em diversos estados brasileiros, tornando a Associação a entidade da química com maior espectro no Brasil com “filiais” juridicamente perfeitas e atuantes, com diretorias próprias (filiadas a ABQ) e liberdades executivas. A partir de 1993, em seu terceiro mandato, a presidência da ABQ começou a ser ocupada por profissionais não oriundos da cidade do Rio de Janeiro. Foi estreitado o contato com a IUPAC, sendo criado no Brasil o Comitê Brasileiro para Assuntos da IUPAC (CBAQ).

Sua família era um ponto de apoio muito importante para Peter: sua esposa Valéria, suas filhas Flávia e Valéria, e seus netos Henrique, Rafael e Joana.

A Associação Brasileira de Química, que teve a oportunidade de lhe homenagear ainda em vida na galeria dos “Pioneiros da Química” desta revista, presta mais uma homenagem ao seu ilustre e saudoso sócio pelos múltiplos trabalhos realizados pela Associação e em prol da química brasileira, deixando um legado que serve de exemplo e estímulo para os que enfrentam os desafios do mundo contemporâneo.



Leonardo Nogueira

Uma incomensurável perda para a ciência brasileira. Em 15 de abril passado, faleceu aos 89 anos, Leonardo Nogueira, um pioneiro da catálise brasileira.

Ele próprio relatou que seu interesse pela química foi despertado quando era aluno do curso científico (ensino médio) em 1947 do Colégio Salesiano em Niterói, então capital do Estado do Rio de Janeiro. Em 1950, ingressou na Escola Nacional de Química da Universidade do Brasil (atual UFRJ), no curso de química industrial, testemunhando a abertura do curso de Engenharia Química. Fez parte da primeira turma a colar grau no novo curso, em 1954.

Dois anos antes, começou a atuar no Departamento Nacional da Produção Mineral (DNPM), próximo da Escola. Lá, teve a ventura de trabalhar com vários especialistas vindos do exterior, como os tchecoslovacos H. Zocher (pioneiro na área de cristais líquidos), P. Kubelka e C. Torok, e ainda o austríaco naturalizado brasileiro, Fritz Feigl.

Ao se formar, optou por trabalhar no curso de refinação de petróleo da Petrobras, visando fazer parte do corpo docente do Centro de Aperfeiçoamento e Pesquisa de Petróleo (CENAP). Foi onde Leonardo começou a construir o caminho que o notabilizaria. Anos depois, o crescimento do CENAP ensejou a criação de um novo centro de pesquisas, cujo resultado é o CENPES, localizado na Ilha do Fundão junto à UFRJ.

Leonardo foi aos Estados Unidos para estudos de pós-graduação, sendo acolhido e orientado por Herman Pines (1902-1996, profundo conhecedor de catálise e magnífico ser humano, em suas palavras) na Northwestern University, naquela época o melhor centro dessa área nos EUA, onde obteve seu doutoramento.

De volta ao Brasil, em 1970, ministrou cursos de pós-graduação na área de catálise ao mesmo tempo em que desenvolvia atividades junto ao Instituto Brasileiro de Petróleo (IBP) na Comissão de Catálise, com reuniões e organização dos seminários de catálise, origem da criação



da Sociedade Brasileira de Catálise em 1998, da qual foi um de seus fundadores. Em 1973, foi montado um Curso Avançado em Processos Catalíticos na UFRJ patrocinado pela Petrobras, sob a coordenação do Prof. Claudio Costa Neto (que se formou junto com Leonardo), da UFRJ, na qual Leonardo participou.

Leonardo sempre reconheceu que teve o privilégio de conviver com profissionais dos mais altos padrões científicos e humanos.

No CENPES, por várias vezes, externou sua admiração por todos que com ele trabalhavam ou trabalharam. Aposentou-se em 1990, mas prosseguiu atuando na área da catálise por quase mais uma década, sendo por duas vezes professor visitante do Departamento de Físico-Química do Instituto de Química da UFRJ. Tinha o prazer de viver a ciência e a catálise que tanto marcaram sua vida.

Seu nome não é apenas lembrado por sua competência profissional, pioneirismo e trabalho em equipe: seu coração generoso e gentil, seu caráter íntegro, seu carisma, dinamismo, visão estratégica, preocupação com o desenvolvimento do país e paixão pelo esporte são marcos de sua vida, deixando uma marca indelével na memória dos que tiveram o privilégio de conviver com ele e uma legião de herdeiros que hão de dar prosseguimento à sua obra.

A Associação Brasileira de Química externa os mais profundos sentimentos à sua família.